

# “Tigipio”

## A HISTÓRIA DE UMA SECA QUE PARECE NUNCA ACABAR

**B**RASÍLIA — “Acho que quem morre de seca não pensa nem em Deus”.

— Corta — gritou o diretor de **Tigipio**, Pedro Jorge de Castro. Claquete na mão, ele fez a cena ser repetida durante as filmagens. Duas, três, milhares de vezes, o enredo deste filme já foi visto no sertão. Virou até lenda, sabedoria popular, a história do coronel Cezário, sua filha Matilde e o doutor Heitor, homem de fino trato, tão culto, limpo e cheiroso, conta a lenda, que até parecia que a poderia e o vento o rodeavam só para não sujar-lhe a roupa nova.

Foi na grande seca de 1915 que o todo-poderoso coronel da região do Boqueirão do Cezário, a menos de 200 quilômetros de Fortaleza, perdeu tudo. O gado, a mulher, os dois filhos... só restou Matilde, sua filha diletta, a sustentar a casa fazendo chapéus de palha para vender na feira. Até que apareceu Heitor, engenheiro-chefe da frente de emergência. Era 1918. Ele empregou o coronel na pedreira como um cabra qualquer, só para seduzir a bela Matilde. E deu-se a desgraça.

“Doutor, tem um dizer aqui no sertão que povo quando desrespeita a lei do governo ou é fome ou é ignorância.

Agora, autoridade quando desrespeita a lei do povo... Não sei não...

E fez-se a tragédia. “Corta”, novamente gritou o diretor. **Tigipio** é o seu primeiro longa-metragem, um plano antigo, de mais de 15 anos, ainda da época em que estudava cinema na Itália. Filmado por sete semanas na tórrida Itaicaba, perto de Boqueirão do Cezário, **Tigipio** chegou domingo último a Brasília, ainda na forma de centenas de rolinhos de filmes apenas revelados. Pedro Jorge, professor de cinema da Universidade de Brasília (**UnB**), já iniciou a montagem, prevista para terminar em maio.

No segundo semestre, **Tigipio** já poderá entrar em circuito comercial, com o cacife de apresentar aquela que talvez seja a primeira grande representação do ator José Dumont. Ele encarnou Heitor, o “britânico” engenheiro. Até então, Dumont sempre interpretara ele mesmo, o **Paraíba** miserável, valente e emotivo, segundo confidenciou o próprio ator a Pedro Jorge. O teatrólogo B. de Paiva é o coronel Cezário e Regina Dourado (a Lala Sereno de Pão, Pão, Beijo, Beijo, novela da TV Globo) sua filha Matilde.

**Tigipio** é uma frutinha do sertão, deliciosa, mas só encontrada na época da seca. **Tigipio** é também o título do conto do cearense Herman Lima, com o qual

ganhou o primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1924. Quando tinha 11 ou 12 anos, Pedro Jorge leu o conto, o seu primeiro, e nunca mais se esqueceu. “A narrativa ecoava dentro de mim como uma espécie de gênese da seca de Itaicaba, cidade do meu avô, para onde eu ia nas férias”, conta Pedro.

Ele nasceu em Aurora, na região do Cariri, de seca brava, a 400 quilômetros de Fortaleza, em família de marceneiros de muitas gerações. Pedro Jorge de Castro também foi marceneiro em Fortaleza, para onde mudou-se pequeno, até descobrir, na adolescência, que gostava mesmo é de Arquitetura. Iniciou a Faculdade no Ceará e formou-se em 1968, em Roma, em Arquitetura de interiores. Nessa época descobriu o cinema.

Formado também em cinema, voltou para o Brasil em 1971. Seu primeiro filme, a tese de fim de curso, foi um documentário em 35 milímetros, Estudantes no Trabalho. Em 1972 foi ensinar televisão no curso de Comunicação da UNB. Em 1976 fez Chico da Silva, ganhador da 1ª Mostra Nacional do Filme Documentário, em Curitiba. Realizou nos anos seguintes Brinquedo Popular do Nordeste, Em Memória de Dona Maria Primeira (seu predileto), Boca de Forno e De Sol a Sol, sempre com Tigipio na cabeça, conta. Mas só em abril do ano passado conseguiu um financiamento da Embrafilme para realizá-lo.

“Eu sempre quis ter na mente mais futuro que saudade, mas não consigo. — Confidenciar Heitor a seu amigo Reinaldo, em uma seqüência do filme. A saudade é um sentimento que me aniquila. É na saudade que sinto a impossibilidade de viver de novo os momentos que gostei.

O filme é muito emotivo, mas de muita angústia. Tem muita ternura e beleza plástica, mas é pessimista, avalia Pedro Jorge. Ele imaginou, com o roteirista mineiro Carlos Alberto Ratton, personagens ricos em dúvidas, que elevam os conflitos até a crise. Menos Matilde, que para eles representa a terra, a

única esperança de vida. É ela que anda descalça e sente o cheiro da chuva no ar. “Pai, lá fora tá um vento morto, um cheiro de terra... Acho que vai chover”, diz Regina Dourado, em diálogo entre Matilde e Cezário. Coincidência ou não, nesse instante o cheiro de chuva invadiu as filmagens. Choveu por cinco minutos. Em plena seca, como previa o roteiro.

— Juro que não sei onde termina o real e começa a ficção do conto — revela Pedro Jorge. — A terra era seca, o calor era intenso, a fome um flagelo. A grande seca de 1915 foi-se embora e o cenário não mudou. Cheio de injustiças e prevaricações. Só mudaram os postes de iluminação e os coronéis do sertão, hoje imunes à desgraça do Cezário. Mas os postes, a produção os tirou de Itaicaba para as filmagens — conta o diretor com um sorriso de ironia.

Em fins de novembro último as filmagens começaram na seca Itaicaba, com uma equipe de 35 pessoas. Sete semanas depois, em meados de janeiro, o dono da mercearia avaliava para o diretor que o filme era o acontecimento mais importante da cidade nos últimos cem anos, que “causou mais rebuliço que a enchente de 1974”.

— Não foi fácil manter a equipe integrada com a região — lembra Pedro Jorge. — Havia um grande problema psicológico: tínhamos que simular uma postura que não agredisse, pois não tínhamos dinheiro para comprar alimentos para toda a população.

No calor da seca do sertão, no intervalo das filmagens, um dia Zé Dumont estirou um colchonete na calçada da praça da igreja e adormeceu. Quando acordou, duas jovens com aparência humilde o encaravam. Tinham nas mãos um prato com bolo de milho e um copo de suco de caju para matar-lhe a fome e a sede. Logo depois virou o personagem Heitor e foi ouvir Reinaldo, seu confidente no filme, desabafar: “Heitor, essa seca não acaba nunca. Parece até que ela é maior do que o tempo...”